

Mercado de Trabalho e Relações Internacionais no Brasil: um estudo exploratório

Labor Market and International Relations in Brazil: an exploratory study

Pedro Feliú Ribeiro*

Mariana Kato**

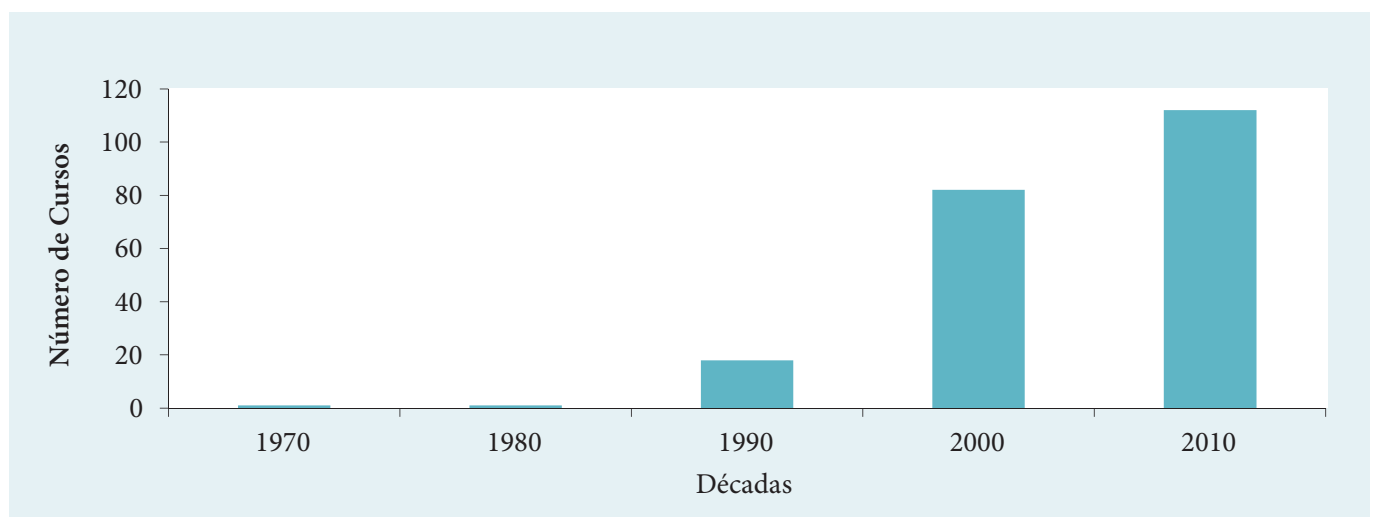
Gary Rainer***

Boletim Meridiano 47 vol. 14, n. 135, jan.-fev. 2013 [p. 10 a 18]

1. Introdução

Desde a criação do primeiro curso de graduação em Relações Internacionais (RI) em 1974 (UnB) no Brasil, observamos um impressionante crescimento na disponibilidade dos mesmos, especialmente nas duas últimas décadas. O gráfico 1 abaixo expõe o número de cursos de graduação em RI no Brasil cadastrados no MEC por década até o ano de 2010.

Gráfico 1. Evolução da Oferta de Cursos de RI no Brasil (1970-2010)



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do INEP (2010).

* Professor de Relações Internacionais da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, pesquisador do Centro de Estudo das Negociações Internacionais da Universidade de São Paulo – CAENI-USP e Doutor em ciência política pela mesma universidade. <pedrofeliu@ccsa.ufpb.br>.

** Graduada em Relações Internacionais pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB <mari.mmsk@gmail.com>.

*** Graduando em Relações Internacionais pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB <garyvanderlei@gmail.com>.

O forte crescimento dos cursos de graduação em relações internacionais observados no gráfico 1, tanto na iniciativa privada quanto pública¹, foi acompanhado de uma grande diversificação de grades curriculares dos mesmos, formando um quadro extremamente heterogêneo de perfis de graduados sob o mesmo rótulo relações internacionais. Miyamoto (1999) argumenta a existência de uma tendência de criação de cursos de RI “mais práticos”, voltados para áreas como comércio exterior, em contraposição a cursos com perfil mais acadêmico, geralmente com elevada carga de disciplinas voltadas à ciência política e teoria de relações internacionais. O crescente número de graduados em relações internacionais somado à heterogeneidade nas bases curriculares dos mesmos gera um questionamento cada vez mais crescente entre os estudantes acerca das oportunidades no mercado de trabalho para os bacharéis de RI no Brasil. Almeida (2006), por exemplo, afirma que não existe uma carreira de relações internacionais, mas sim oportunidades de empregos, obrigando os profissionais da área a se ajustarem em diferentes nichos existentes. Para Lessa (2005), o mercado de trabalho para os bacharéis em RI possui um bom tamanho, comportando múltiplas possibilidades para a organização criativa de carreiras, cuja expansão ainda depende, em grande parte, do comprometimento das instituições de ensino com a divulgação do curso e do perfil do egresso.

Embora algumas instituições de ensino superior realizem pesquisa referente à inserção de seus bacharéis em RI no mercado de trabalho, não há estudos sobre a inserção no mercado de trabalho que incluem egressos de distintas instituições de ensino superior do Brasil. Frente à problematização exposta, apresentamos no presente artigo os resultados de *survey* aplicado a egressos do curso de relações internacionais no Brasil cujo objetivo central é mapear o mercado de trabalho na área. Dada a inexistência de estudos deste cunho, esta pesquisa é do tipo exploratória, buscando descrever alguns aspectos relevantes do mercado de trabalho para os formados em relações internacionais. Aplicamos um questionário *online* a 121 egressos de 10 instituições de ensino superior distintas (ver anexo). Evidentemente esta amostra não é representativa da população, impossibilitando a condução de generalizações a respeito de nosso objeto. Ainda assim, dado o caráter exploratório deste estudo, ofertamos uma importante contribuição empírica para o entendimento da inserção do bacharel em RI no mercado de trabalho.

Na seção seguinte, apresentamos os principais resultados da pesquisa em três eixos centrais de análise: características dos egressos, características do mercado de trabalho e qualidade e adequação do curso de RI. Na terceira e última seção concluímos o estudo.

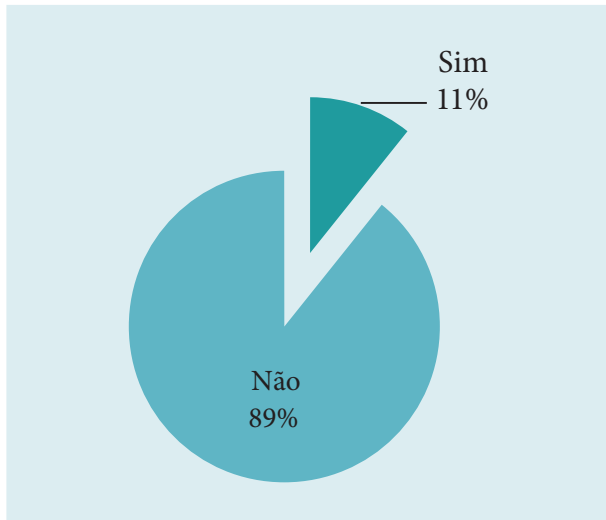
2. A inserção do egresso de RI no mercado de trabalho no Brasil

O curso de relações internacionais é relativamente novo no Brasil, sendo que a maioria dos mesmos foi criada na última década. Há pouco conhecimento, portanto, por parte dos empregadores acerca das habilidades e perfil dos profissionais formados em RI. Este fator certamente pode oferecer obstáculos aos recém-formados no momento de obtenção de emprego, tema que costuma gerar muita inquietação entre os ingressantes no curso de relações internacionais. Neste contexto é importante conhecer também algumas características da formação pessoal do egresso que podem influenciar na sua capacidade/possibilidade de se posicionar no mercado de trabalho. Iniciamos a apresentação dos resultados com algumas características dos egressos, notadamente a realização de outra graduação e pós-graduação, domínio de línguas e a realização de estágio durante a graduação.

1 Com base nos dados do INEP (2010), encontramos no Brasil 91 cursos de graduação em relações internacionais em instituições privadas de ensino superior e 21 em instituições públicas de ensino superior.

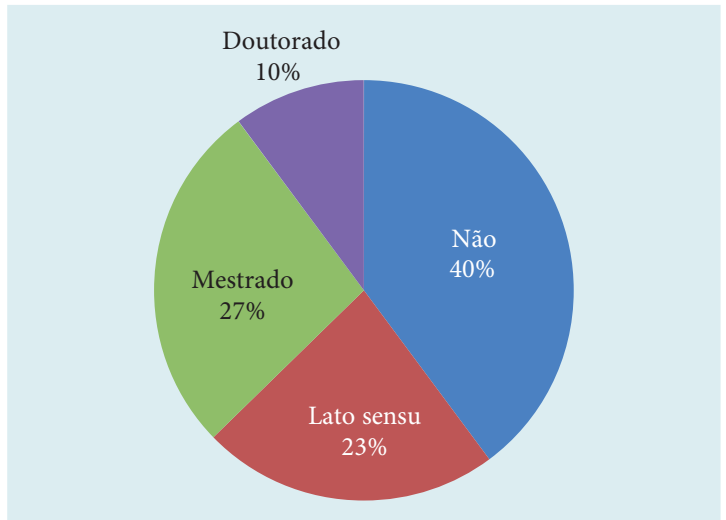
2.1 Características dos Egressos de RI.

Gráfico 2. Realização de outra graduação



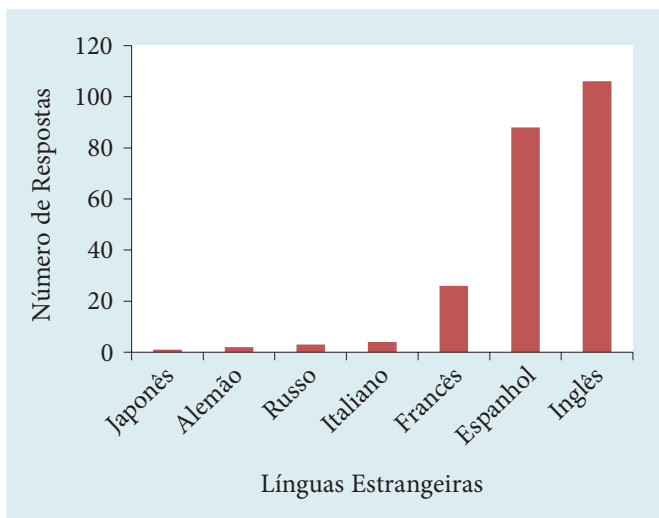
Fonte: Elaboração Própria

Gráfico 3. Realização de Pós-Graduação



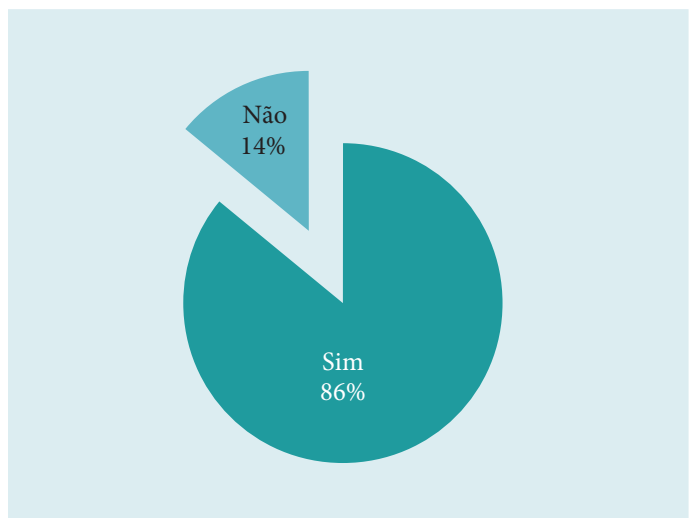
Fonte: Elaboração Própria

Gráfico 4. Fluência em línguas estrangeiras



Fonte: Elaboração Própria

Gráfico 5. Realização de estágio durante a graduação em RI



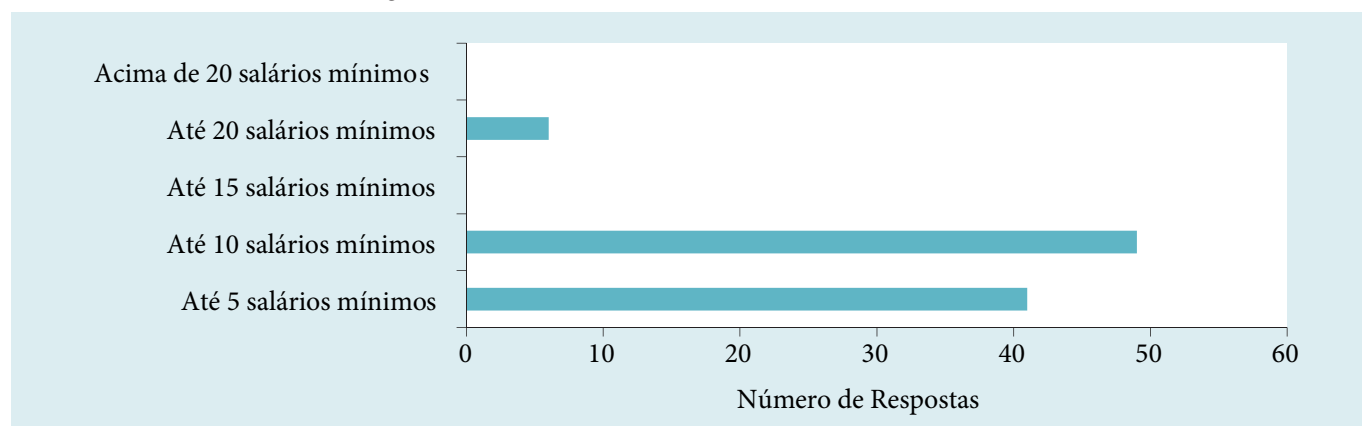
Fonte: Elaboração Própria

Os quatro gráficos expostos acima reúnem algumas importantes características do graduado em RI, independentes das bases curriculares e características de seu curso, que podem afetar a inserção do mesmo no mercado de trabalho. O gráfico 2 expõe a proporção de egressos de RI que concluíram outra graduação. Em nossa amostra, apenas 11% declararam que concluíram outra graduação, destacando-se direito e ciências sociais. Para efeitos da conformação de nossa amostra esse resultado é benéfico, pois exclui a possibilidade de um viés muito forte nos resultados da pesquisa oriundo da conclusão de outra graduação. No que diz respeito à pós-graduação, ao observar o gráfico 3, percebemos que 60% dos graduados em RI de nossa amostra buscaram realizar algum tipo de pós-graduação, com destaque ao mestrado e especialização. Esse dado pode revelar uma tendência dos graduados em RI buscarem formação mais especializada, dado o conteúdo mais “genérico” das graduações em RI. Para testar esta hipótese do efeito da generalidade do curso de RI na necessidade de formação complementar, teríamos que comparar os resultados de RI com outras áreas de formação, ampliando a agenda de pesquisa no tema.

Os gráficos 4 e 5 visam medir as habilidades dos egressos e a sua experiência profissional ao se formar, respectivamente. O gráfico 4 ilustra um aspecto já muito conhecido: a obrigatoriedade de fluência no inglês. A quase totalidade dos egressos respondeu possuir fluência em inglês, sendo esta habilidade quase um pré-requisito para o graduado em relações internacionais, embora poucos cursos de RI ofereçam esta formação. Depois do inglês, como esperado, espanhol e francês possuem destaque entre as línguas fluentes mais frequentes. No gráfico 5, por sua vez, observamos que uma grande proporção de egressos (86%) realizaram estágio durante a graduação em RI, sendo este um importante componente na competitividade do graduado em relações internacionais, uma vez que cada vez mais é exigida experiência profissional ao recém-formado. Este resultado indica boa aceitação do mercado ao graduando em relações internacionais, indicando visibilidade do curso no mercado de estágios. Passamos a seguir a apresentação dos dados referentes às características centrais do mercado de trabalho para o graduado em relações internacionais no Brasil.

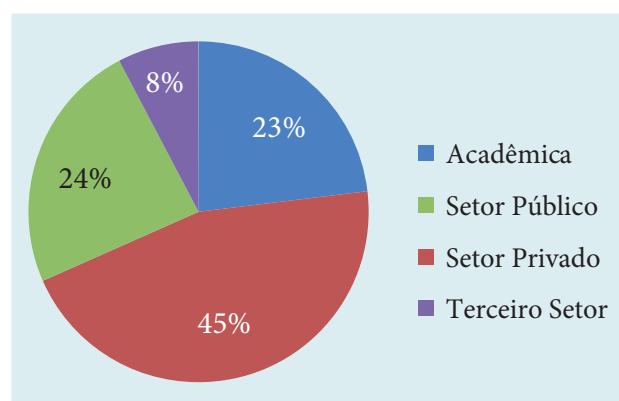
2.2 O mercado de Trabalho para Relações Internacionais no Brasil

Gráfico 6. Faixas Salariais dos Egressos de RI



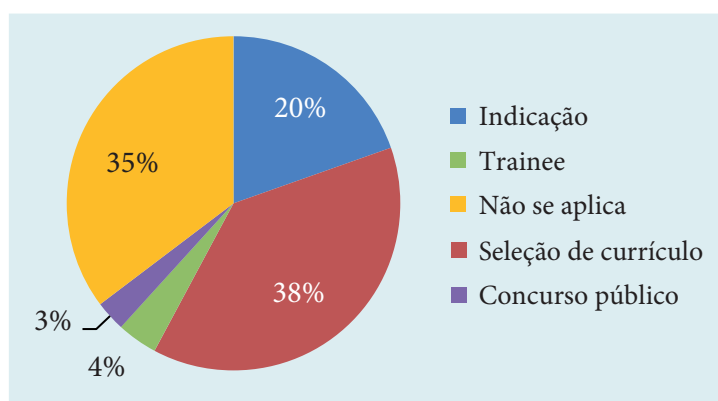
Fonte: Elaboração Própria

Gráfico 7. Áreas de atuação dos egressos de RI



Fonte: elaboração própria

Gráfico 8. Forma de obtenção do 1º emprego após formatura

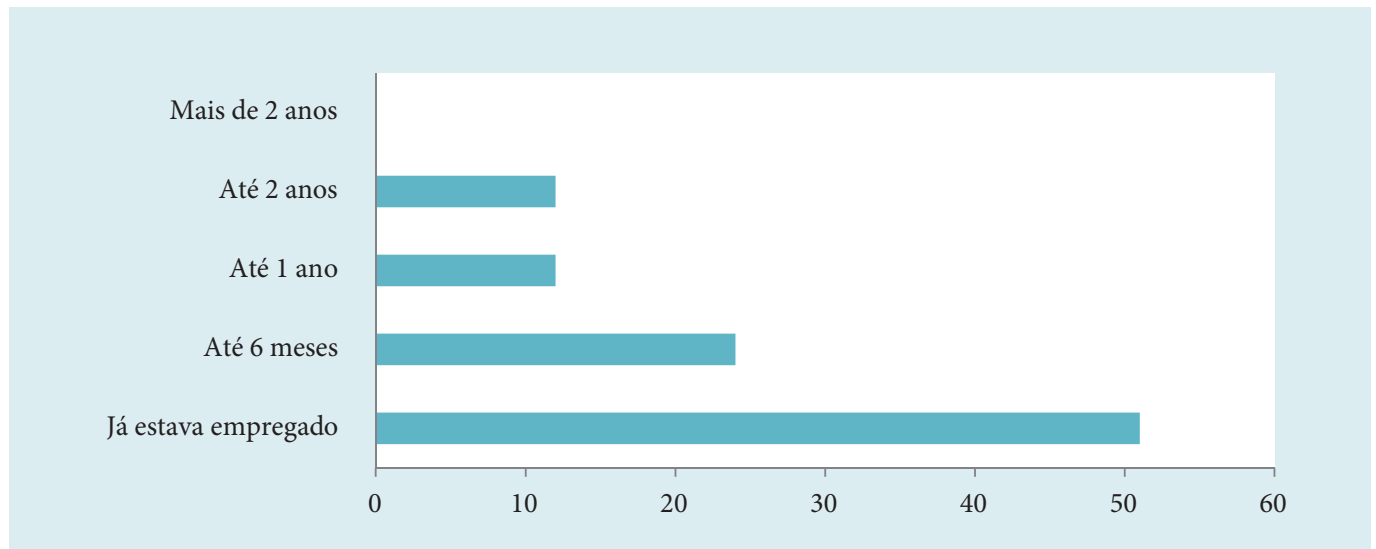


Fonte: elaboração própria

O gráfico 6 indica, sempre para o nosso grupo amostral, uma maior concentração de respostas nas faixas salariais correspondentes a até 5 e 10 salários mínimos mensais. A título de comparação, conforme dados do IBGE de 2010, o salário médio do trabalhador brasileiro com ensino superior completo é 7,8 salários mínimos mensais. Podemos inferir que a média amostral dos egressos de RI é relativamente próxima à média nacional dos trabalhadores com ensino superior completo, sinalizando uma boa adequação salarial dos egressos de RI no mercado de trabalho

brasileiro. No gráfico 7 observa-se que a maior parte dos egressos de RI atuam no setor privado, constituindo-se 45% de nossa amostra. Também notamos importante participação da área acadêmica, muito próxima ao setor público, com 23% e 24% respectivamente. O elevado número de egressos que realizam pós-graduação pode corroborar para a elevada participação da área acadêmica. Os dados do gráfico 7 auxiliam a desvincular, do senso comum, a graduação em relações internacionais do serviço diplomático, como se fossem relações automáticas. Pelo contrário, a heterogeneidade entre os cursos e a diversidade disciplinar no interior dos mesmos faz do egresso em relações internacionais no Brasil capaz de atuar em distintas áreas do mercado de trabalho, como pode ser constatado nos resultados expostos no gráfico 7.

Gráfico 9. Tempo gasto, após formatura, para adquirir emprego



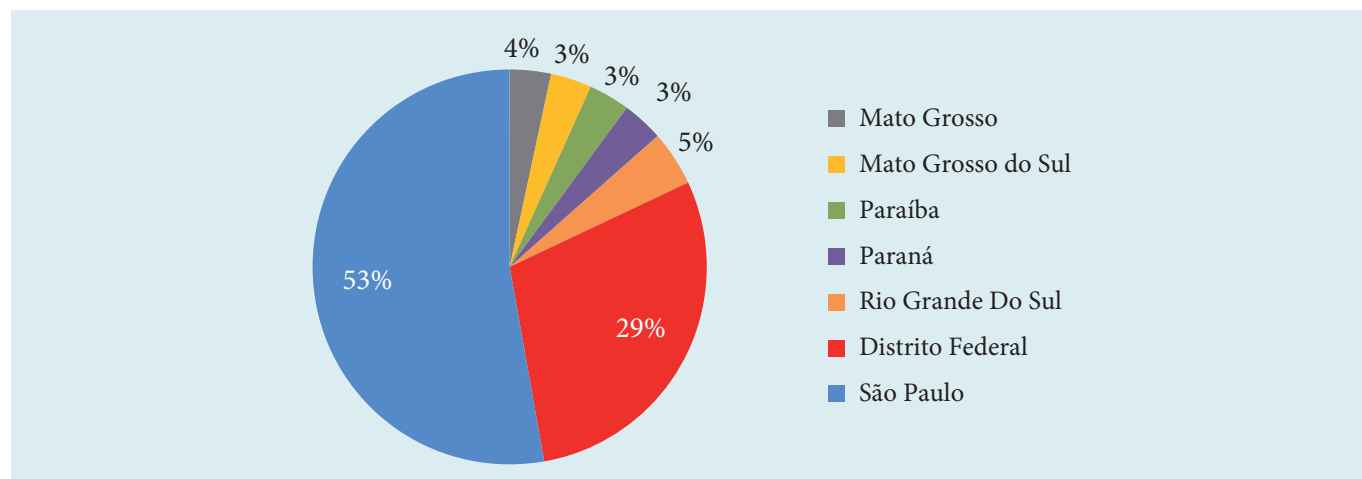
Fonte: elaboração própria

No gráfico 8 encontramos a forma como o egresso de RI conseguiu o primeiro emprego após a conclusão do curso de graduação. A maior parte logrou tal feito por meio da seleção de currículos (38%), indicando, como salienta Lessa (2005), a relevância da divulgação, por parte das instituições de ensino superior, do curso de relações internacionais no mercado de trabalho. É interessante notar também a presença da modalidade trainee entre as formas de obtenção do primeiro emprego após a formatura dos egressos de RI. Esse dado corrobora a percepção de uma visibilidade crescente do curso de RI no mercado de trabalho, ampliando as possibilidades dos formados. Já no gráfico 9 observamos o tempo que levaram os egressos a conseguirem emprego após a conclusão da graduação. Parcela significativa dos egressos de nossa amostra já estava empregada no momento da formatura, possivelmente indicando alguma relação entre este dado e o elevado número de egressos que realizaram estágio profissional durante a graduação. Nesse sentido, a realização de estágio profissional durante a graduação é um importante elemento na inserção posterior do profissional no mercado de trabalho. Assim, formas de incentivo a essa prática, como a organização de feiras de estágio, a divulgação e a agilidade dos procedimentos burocráticos, são papel decisivo das instituições de ensino superior na facilitação da inserção do bacharel em relações internacionais no mercado de trabalho. De uma maneira geral, a alocação do egresso de RI no mercado de trabalho não é muito demorada, tendo parcela muito significativa dos egressos obtido emprego até 6 meses após a formatura.

É importante salientar que na nossa amostra, 29% dos egressos responderam que atualmente não estão empregados. Esse número parece muito alto, ao menos bem acima da média nacional. Entretanto, aqueles egressos que fazem pós-graduação e possuem alguma modalidade de bolsa não podem ter vínculo empregatício, possivelmente inflacionando esse dado. Exibimos o gráfico 10 baixo indicando a unidade da federação (UF) em que

o egresso de RI realiza suas atividades profissionais. Podemos perceber, como esperado, uma forte concentração em São Paulo e Brasília, constituindo-se os principais polos de absorção dos profissionais de RI na nossa amostra. Ambos somados representam 83% dos egressos. Certamente a ampliação da presente amostra pode mostrar uma diversificação um pouco maior entre os estados brasileiros, principalmente com uma presença maior do Rio de Janeiro. Ainda assim, a hipótese da concentração dos postos de trabalho para relações internacionais no eixo Rio-São Paulo- Brasília é muito plausível e provável.

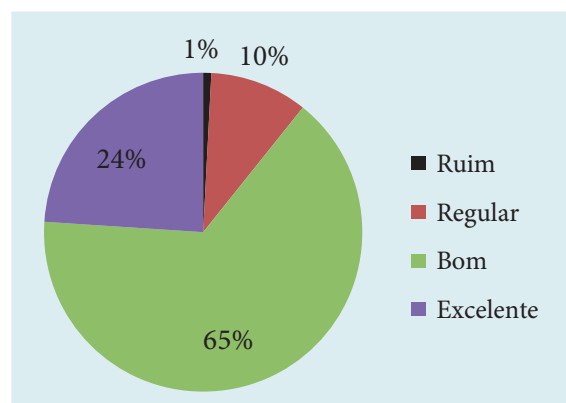
Gráfico 10. UF de atuação profissional do egresso de RI



Fonte: elaboração própria

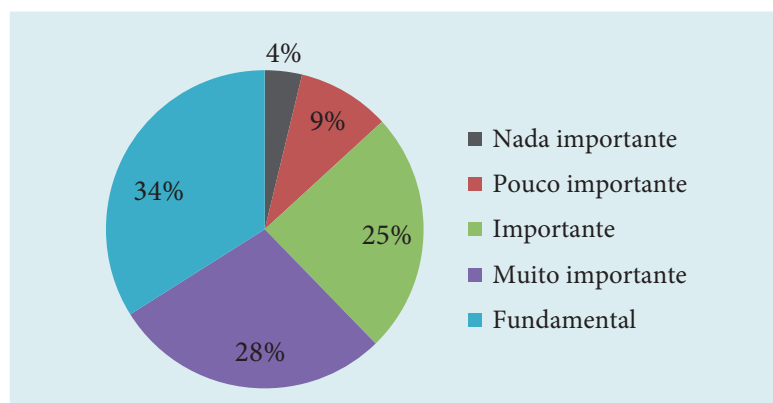
2.3 A avaliação do curso de Relações Internacionais

Gráfico 11. Autoavaliação geral do curso de RI



Fonte: elaboração própria

Gráfico 12. Grau de importância da graduação em RI na atividade profissional

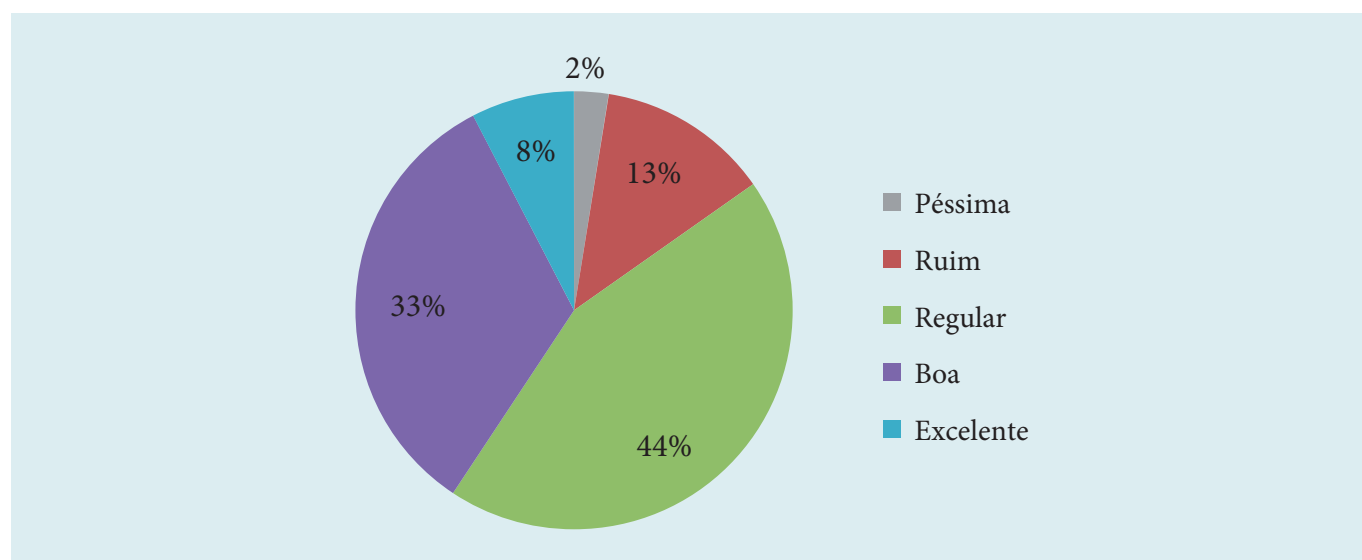


Fonte: elaboração própria

Como podemos notar no gráfico 11, os cursos de relações internacionais, de uma maneira geral, são muito bem avaliados por seus egressos, sendo que 89% avaliaram como “bom” ou “excelente” seus respectivos cursos. A avaliação dos cursos de relações internacionais, principalmente no marco de sua ampliação, passa a ser uma preocupação crescente. Outro fator relevante diz respeito à adequação do conteúdo programático dos cursos de graduação em RI e as atividades profissionais que seus egressos praticam no mercado de trabalho. O gráfico 12 revela um resultado muito otimista em relação à formação de profissionais para o mercado de trabalho, uma vez que 87% dos egressos avaliaram positivamente a relevância da graduação em RI na atividade profissional realizada. Certamente este é um

ponto crucial que merece averiguação mais sistemática da possibilidade de relação entre o tipo de atuação profissional do egresso em RI e a base curricular de seu curso. O conhecimento mais aprofundado desta realidade pode ofertar bons subsídios para a elaboração de uma diretriz curricular nacional para o curso de relações internacionais, ainda não efetivada até o presente momento. Exibimos abaixo o gráfico 13 contendo a avaliação dos egressos desta amostra acerca da expectativa do mercado de trabalho para o profissional de relações internacionais. Como podemos notar, a maior parte (44%) dos egressos considerou regular essa expectativa, 33% acham boa, 13% ruim, 8% excelente e apenas 2% péssima. Esse resultado não é tão otimista, ainda que possa ser considerada uma avaliação razoavelmente positiva da expectativa do mercado de trabalho. Nesse quesito, o atual momento turbulento vivido na economia internacional pode ser um fator estrutural influente na avaliação descrita acima.

Gráfico 13. Avaliação da expectativa do mercado de trabalho para o profissional de RI



Fonte: elaboração própria

3. Considerações Finais

O presente estudo, de cunho exploratório, visa ofertar uma contribuição empírica para o mapeamento da inserção do profissional de relações internacionais no mercado de trabalho. Além do fato do curso de relações internacionais ser relativamente novo e suscitar sérias dúvidas nos discentes quanto às possibilidades do mercado de trabalho, o elevado aumento na oferta dos cursos de graduação em RI, assim como a heterogeneidade curricular dos mesmos, criam a necessidade de um mapeamento da atuação profissional dos egressos do curso. Um ponto crucial a ser aprimorado é estabelecer uma amostra representativa da população de egressos no Brasil, assim como buscar compreender a relação, caso existente, entre a estrutura curricular e a atuação profissional do bacharel em relações internacionais no mercado de trabalho. Os resultados aqui expostos indicam, de uma maneira geral, um mercado de trabalho promissor aos egressos de relações internacionais. Por ser um estudo exploratório, a principal contribuição deste artigo reside no subsídio à formulação de hipóteses e problemas de pesquisa cujo objeto seja o mercado de trabalho para o profissional de RI, atentando para a relevância do tema. A atuação das instituições de ensino superior na divulgação do curso de RI e o perfil de seus egressos é certamente um ponto crucial para a consolidação da área no Brasil. A estruturação de uma base curricular nacional para relações internacionais deve levar em conta as habilidades requeridas pelo mercado de trabalho que se constitui para o bacharel em relações internacionais.

4. Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Paulo Roberto. (2006), “As relações internacionais como oportunidade profissional: Respostas a algumas das questões mais colocadas pelos jovens que se voltam para as carreiras de relações internacionais”. *Meridiano 47*, vol. 67, Fevereiro, pp. 5-10.
- MIYAMOTO, Shiguenoli. (1999), “O estudo das Relações Internacionais no Brasil: o estado da arte”. *Revista de sociologia e política*, nº 12, Junho, pp. 83-98.
- LESSA, Antônio Carlos. (2005), *O ensino das Relações Internacionais no Brasil*. In: *O crescimento das relações internacionais no Brasil*. [org. José Flávio S. Saraiva; Amado cervo], Brasília: Instituto Brasileiro de Relações Internacionais (IBRI), págs. 51-108.

ANEXO. Descrição da amostra do estudo

Tabela 1. Amostra

Número de Egressos	Instituição de Ensino Superior	Status	UF	Cidade
1	CUFSA	Privada	SP	Santo André
3	CULM	Privada	SP	Ribeirão Preto
3	FACINTER	Privada	PR	Curitiba
3	UNESP	Pública	SP	Franca
3	USP	Pública	SP	São Paulo
4	ESPM	Privada	SP	São Paulo
4	Faculdade América Latina	Privada	RS	Caxias do Sul
19	PUC SP	Privada	SP	São Paulo
34	UNAERP	Privada	SP	Ribeirão Preto
47	UNICEUB	Privada	DF	Brasília
Total de Egressos: 121				

Fonte: elaboração própria

Resumo

O crescimento da oferta de cursos de relações internacionais no Brasil observado na última década projeta um aumento expressivo na inserção destes profissionais no mercado de trabalho. Como o curso de relações internacionais é relativamente novo, muito heterogêneo e multidisciplinar, ainda há muitas dúvidas e desconhecimento acerca do perfil profissional do egresso. Por meio da apresentação de resultados de *survey* exploratório aplicado a egressos do curso de relações internacionais, ofertamos uma contribuição empírica para o mapeamento da inserção do profissional da área no mercado de trabalho.

Abstract

The observed growth of international relations courses in Brazil in the last decade projects an expressive increase on these professionals insertion at the labor market. Because international relations courses in Brazil are relatively

new, highly heterogeneous and multidisciplinary, there still are many doubts and lack of knowledge about the professional profile of their students. We use survey data applied to graduated students of international relations in Brazil to offer an empirical contribution to map the insertion of these professionals in labor market.

Palavras-Chave: Mercado de Trabalho; Relações Internacionais; Egressos

Key-Words: Labor Market; International relations; Graduated Students

Recebido em 17/11/2012

Aprovado em 24/01/2013